



Contagem Literária





Editorial

Prezados poetas e amantes da poesia, sejam bem-vindos à nossa revista.

Somos apaixonados por poesia e tudo que ela representa e envolve. Porém, o objetivo desta revista cultural nunca é e nunca será político partidário. Temos por alvo apenas a arte, sem amarras ou vieses e por isso estamos aqui.

Nesta primeira edição, pensamos em homenagear nossa cidade - Contagem. Uma cidade onde se encontra de tudo. Tudo mesmo. Praças de interior, grandes centros urbanos, paisagens bucólicas, e excelentes poetas.

Foram selecionados textos de todas as regiões do Brasil e até mesmo do exterior, e consideramos isso muito importante para esse pontapé inicial!

Sem mais, aproveitem nossa seleção, desta primeira edição.

- Os Editores | Contagem Literária.



Quem somos



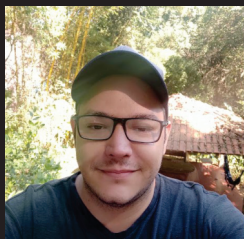
João Dinato | Editor Geral

É formado em Letras pela Universidade Castelo Branco. Poeta, publica seus textos na internet desde 2006. Tendo participado também de diversas publicações impressas, incluindo livros, jornais e revistas.



André Galvão | Editor de Conteúdo

É Doutor em Ciências da Educação (Universidade do Minho). Autor dos livros de poemas A Travessia das Eras (Ed.Penalux, 2018) e Depois do Sonho (Ed. Penalux, 2020) e do livro O Coronelismo na Literatura: Espaços de Poder (Ed.da UFRB, 2018) Coautor do livro Redescobrir-se: poesias de fim de século (Selo Editorial Letras da Bahia,1998). Membro da Associação de Escritores , da Academia Independente de Letras e da Academia Internacional de Literatura Brasileira.



Lucas Leocádio | Editor Gráfico/Ilustrador

Pós Graduado em Engenharia da Qualidade e Docência do Ensino Superior, é empresário do ramo de informática e um apaixonado por artes gráficas e tecnologia. Não possui (ainda) livros publicados, mas um dia chega lá.

Retalhos

Fui criado entre emendas, corte e costura,
cerzido nas sombras e na ponta da agulha,
de trapo em trapo, borrado na arquitetura
da urgência e na corrente gelada da lacuna.
Deu no que daria: uma vestimenta múltipla
de pano de chão, de cortiça, de seda impura,
de remorso, de estopa e de placa de pústula
— e eu me tornei a minha própria cobertura.
Permaneço na guia do dia e da noite escura
antes da aurora, bem camuflado na mistura
opaca, onde a boca da paz nunca se aventura
e que até Deus se benze no óleo desta fritura.
Não espero o fim, pois já resido na sepultura
vazada sob o mato alto — no raso da fundura.

Marlos Degani | Nova Iguaçu-RJ



Transcender

De vez em quando,
ao cerrar os olhos,
transbordo do mundo.
Invado, de repente,
a imaginação.
Largo os problemas
e formato a mente
nas ondas tão revoltas
da cognição.

De vez em quando,
ao cerrar os olhos,
vivo outro mundo.
Invado, comumente,
a interpretação.
Driblo os problemas
e modelo a mente,
nas águas tão envoltas
dessa criação.

De vez em quando,
ao cerrar os olhos,
crio o meu mundo.
Persigo, realmente,
a abstração.
Disfarço os problemas
nos mares da mente,
nas preces arquivoltas
dessa solidão.

Fernando de Azevedo Alves Brito

Viagem

Vinha de terras distantes,
com nascentes de água límpida.
Na toada de passos certos,
entre montanhas e campos desertos,
rumo ao progresso ele ia.
Chegou sem alarde à cidade
coberta pela fumaça dos ares.
Onde ficar não sabia,
então se juntou aos outros
que dormiam embaixo do céu.
Como eles, flanou pelas ruas
meses e meses ao léu.
Em cada suspiro, em cada tropeço,
viu sem disfarce
a face do desapareço.
Alimentou-se da fome, bebeu da penúria,
teve sonhos brancos em noites escuras.

Depois de tantas jornadas, voltou à estrada
com alma partida e corpo macilento.
Quem o notasse veria
uma folha lançada ao vento,
tingida pelo amarelo do tempo,
cheia de carunchos, sem vida.

No reencontro com as nascentes,
quase invisível, mas ainda gente,
nada disse sobre aquela viagem
que terminou sem um único adeus.
Dele não se ouviu qualquer mágoa,
ninguém soube que o progresso que viu
era o atraso do país seu.

Renato Massari | Rio de Janeiro - RJ

Para Alfredo Bosi

Difícil falar de amor em terra arrasada.
Quem dera a poesia existisse nos casebres pobres do mundo
Quem dera a poesia insistisse em acalantar nossa dor
E nos guiar um futuro
Sem monstros em torres de marfim
E sangue nos dentes
Dementes!
Quem dera a poesia servisse
Em tempos sombrios e olhos cinzentos.

Parece não haver saída entre as longas fileiras da Classe
Trabalho
Pão
Escasso
Pão
Trabalho
Escasso
Nenhuma rosa!
Nem primaveras eternas prometidas em palanques gigantes
Alarmantes e só.

Há rosas demais enfeitando corpos
[Mortos!]
Em sintonia com árvores dissecadas
Encaixotando os nossos
Amores,
Amantes,
E sonhos.

O pesadelo diário de vidas descartáveis
Mais números que contamos nos dedos
Não, não é mais medo
Da morte
Somente!
E o que será da gente
depois que a tormenta passar?

Esqueçamos a primavera roubada pelos poderosos
Com doses diárias de venenos
Em pratos
Sementes
Espaço
Solos
E mentes

Construamos o nosso jardim
DO FIM
Daquilo que nos oprime
Que nos explora
Nos domina,
nos devora.

Não me leve a mal,
Mas pra você que leu esse poema
Escute!
Só haverá primavera sadia
Com o fim do Capital.

Itamara Almeida | Assú - RN

Nostalgia

Ah, que saudade eu tenho:
do gramofone
da radionovela
dos vales transportes
e da lista amarela.
É, eu sinto uma saudade grande:
de circo itinerante
do cinema de rua
dos bailes de escola
de dançar na chuva.
Há saudades que mal aguento:
de ir ver Cartola
de Maria Fumaça
do Palácio Monroe
do compositor na calçada.
E que saudade na alma
Mas essa saudade até faz sorrir
Saudade que chamo nostalgia
Me faz querer voltar no tempo
Para viver memórias que nunca vivi.

Rafael Viana da Mata | João Pessoa - PB



Chama Eterna

Trago veemente em meu coração,
Eternamente e a cada instante,
Avassaladora e impiedosa paixão,
Em meu sôfrego peito ofegante.

Irrompendo ardente,
Obrigando-me a te querer,
Insana e freneticamente,
Prestes a desfalecer.

Chama que ao infinito ascendeu,
Oriunda de profundo laço ancestral.
Que a toda razão se excedeu,
Transcendendo ao surreal.

Somente nos braços de Morfeu*,
Encontro meu amado imortal,
A quem minha alma pertenceu,
Em remoto enlevo atemporal.

*Morfeu: De acordo com a mitologia grega, Morfeu era um dos filhos de Hipnos, o deus do sono, e representava a personificação dos sonhos.

Aline Bischoff | Osasco - SP

Análitica

Uma única molécula.
Seus elétrons e prótons;
Aqui estou !
Neste opróbrio.

Não vejo a nebulosa!
Só há uma incógnita:
"De onde viemos ou para onde vamos?"
Não. Até onde vão esses olhos humanos?

Lençóis magnéticos cobrem a minha chaga.
Anões e elfos encham a nossa saga:
"De onde viemos ou para onde vamos?"
Não. Em que ponto nós estagnamos?

Homens e mulheres;
X e Y.
Filósofos e mendigos;
X e Y.

São todos iguais nesse mar de alento;
Um bando de incapazes sobre seus talentos;
Onde estão nossos antigos heróis?
Foram para nós e morreram sós.

Ingrid Isabele | Picos - PI

Choro

Choro as minhas culpas covardes.
Sonhos naufragados.
Sábados à noite sem amigos.
Mil vezes o amor obscuro corrompido em leito alheio.
E sob os edifícios civilizados,
a luxúria da miséria dos meus semelhantes.

Choro,
as mentiras de dezembro.
Novos pós-racismos.
A fisionomia infantil da inanição no semáforo vermelho.
O adollescere sob narcotráfico.
E as Fake News reais amadurecendo feras.

Choro,
a vil pressa cotidiana.
O pecado da nossa omissão.
Ausência das flores nos campos sob ecocídio da monocultura.
Armas aos pés da Cruz, e a moeda tributada em nome de Jesus.

Choro,
Tanto plástico à beirada,
vasta poluição verbal,
tanto ao mar, pouco à terra, fumo aos céus,
O que não sai da boca.
Pouco amar.

E toda, toda essa angústia em mim.

Diógenes Henrique Carvalho Veras da Silva | Natal - RN



Anairda

assim mesmo, se corto a mão
e a vida escorre
teu sorriso poderia ser cura e profilaxia
já estive ausente antes
por causa de erros e era escuro
eu acabava de velar um dos que fui, olha só
e depois eu morava longe
dentro de uma música triste que doía demais
o dia não nascia azul, lembra que falei?
virou algo de não gostar de si mesmo
os covardes a gente evita resolver tudo
espera as camadas se acomodarem
mas sempre que não acredito em equilíbrio
acordo assustado na beira do abismo
olhei com cuidado minha caixinha de remédios
acho que você está de parabéns
talvez seja o melhor veneno que nunca tive

Marco Chies | Porto Alegre-RS

De animam

Um poço tem fundo
Oculto, mas existente
Subterrâneo

Não tenho apenas os maquinários do cérebro
Tenho fundos que deságuam em oceanos
E oceanos que se estendem aos limites dos céus
Tenho sóis em salas
E luas em gavetas

Na vastidão, sigo descalço
E olho a infinitude
Minha infinitude

Reflito e reflito como espelho
respostas colhidas nos rios
que correm à noite
não me foram suficientes

Busco o sol, mas consciente
de que o seu curto crepúsculo
é a promessa de um longo arrebol

Sigo, e seguindo continuo

Engulo dores e pedras
Na pele, me vêem passivo e imóvel
Acabrunhadamente
Frágil
Deixem-lhes
Não sabem o sangue que eu bebo
Nem a fúria e o som que tenho em meus pulmões

Felipe L. Cavalcante | Manaus - AM

As raízes do Arco-Íris

Vamos para as raízes do arco-íris
às cascatas da água da vida,
e finalmente paz e amor
vão criar um mundo melhor.

Diga-me que não acabou
a estação da primavera,
quando a natureza cresce verde
no gorgolejo dos rios.

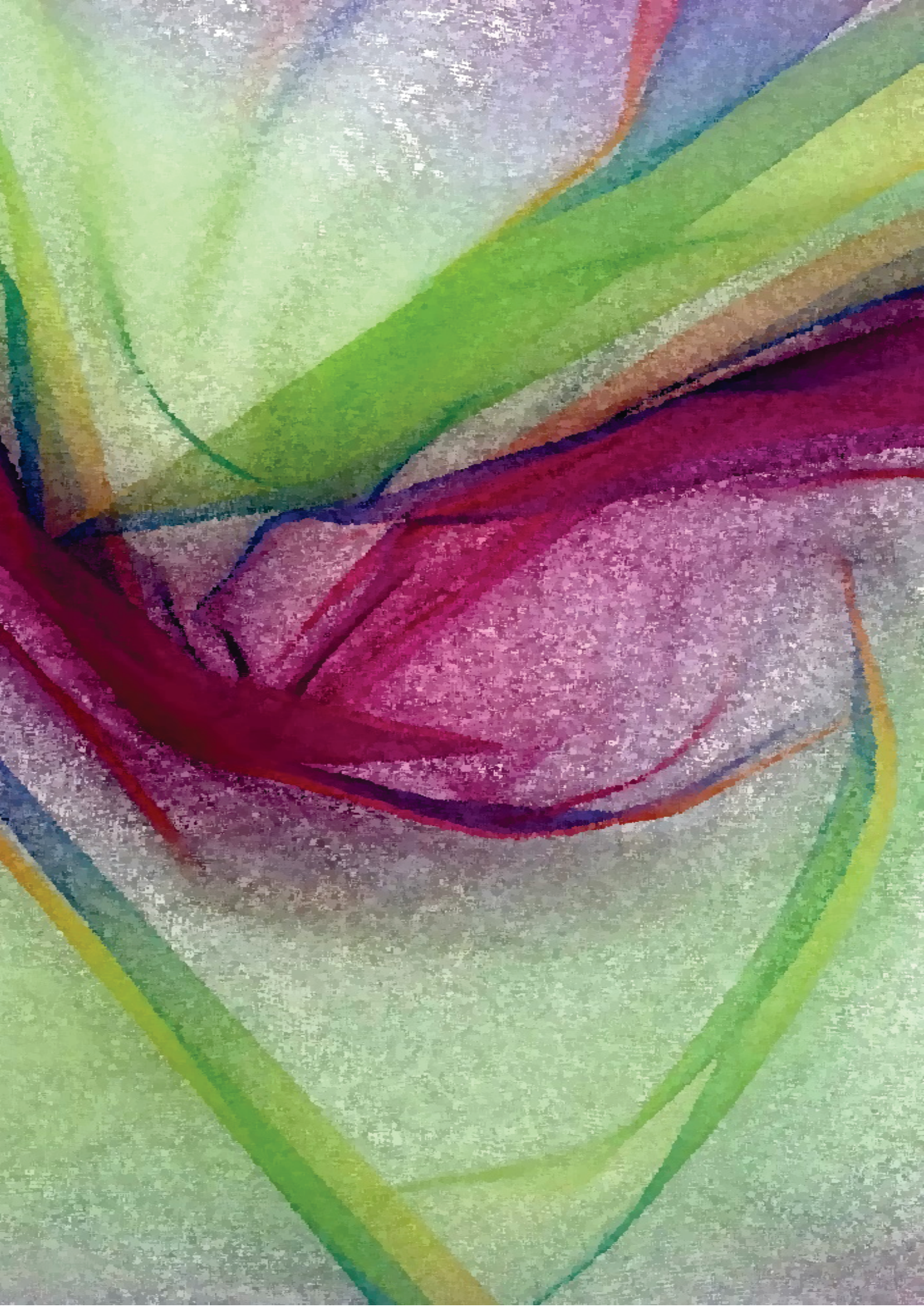
Diga-me que ouviremos
ainda os pássaros cantar
nos ramos da cereja,
na temporada mais doce.

Vamos para a doce fonte
que dá leite e mel,
onde cantam rouxinóis
e nevoeiro não existe.

Sete cores, sete perfumes,
sete tons musicais,
na harmonia do Éden
onde tudo é perfeito.

Diga-me que não teremos
ainda cem anos
e correremos felizes
na floresta de castanheiros.

Alberto Arcchi | Pávia - Itália



Aurora

Quando amanhece, o dia acende
Um campo de batalha
Sem feridos nem mortos
Sem armas nem exércitos
Sem batalhas.

Há coisas paradas aqui e ali
Que a luz espalha pela sala quieta
A prender o tempo na garra das coisas
À espera do vento, à espera de nada
à espera de guerras, de amores e falas.

Manhã

A sombra no lajedo
Da árvore ancestral
Entre manchas de luz
Balança à brisa leve
A piscar para mim
Sem me dizer porquê.

Tarde

Cansei-me de lembrar.
Sou-me passado quando o futuro espreito
Sou-me presente quando penso em nada
E sou eterno no rochedo escuro
A espiar o mar dentro do leito.

Cansei-me de lembrar
Ares meninos e passeios jovens
Hordas de máscara em carnaval antigo
O zoológico das onças enjauladas
A calma das tardes e das praias.

Cansei-me de lembrar
De sentimentos que não tenho mais
Da partilha das coisas esquecidas
Da ternura que talvez quisesse dar
A quem não precisava de ternuras.

Poente

Corri à frente
Da fera de meu sonho
Pelo campo de nuvens de um poente azul.
Quando a noite chegou
Abriguei-me na lua.

Noite

A vida não é sonho: é aparência
Disfarça a dor de ser não sendo nada:
O tempo que destrói crença e descrença
É morada por deuses desertada.

Os fatos e o destino se atropelam
Nesta corrida até nenhum lugar –
Se por acaso algum troféu esperas
Trevas do acaso aguardam te enganar.

A vida não repete: não te enganam
O tédio das auroras e dos poentes
Nem mesmo a lua de faces inconstantes.

Espelhos de minh'alma: por que sempre
Constância procurei em tão insana
Vida que se derrama a cada instante?

Embalando o vento

Na varanda,
enquanto te espero,
a rede embala o vento,
que se nega sono recente. Vem
a chuva, e o dia amanhece deitado
no velho telhado. E a espera da falta
ausente, que a nada se prende e nem se
mede, transcende essa treva de dor que se eleva

Selma Nanci Feltrin | Santa Maria - RS

Parece que todas as coisas odeiam o silêncio

O pássaro quebra com o bico a casca do sono
O alarme dispara e desperta quem não escutou
Abro a janela e quem entra é o ronco dos carros
Meu ronco se enrola e reclama que o sonho acabou

Ao lado uma obra martela na minha cabeça
Moendo os miúdos pedaços que a ave quebrou
Ouço vozes apressadas correndo ao trabalho
Sinto que é tarde e a noite num instante passou

Horas se passam e a barriga é quem ronca agora
Ouço o barulho de pratos na casa vizinha
Almoço com aquelas pessoas do noticiário
Silêncio na sesta, parece que o mundo estacou

E o silêncio se sente só, à espera da ave matutina
Que venha lhe quebrar a casca da monotonia

Tudo começa de novo depois do remanso
O pássaro, a obra, a sirene, o choro de criança
Parece que todas as coisas odeiam o silêncio
Até mesmo o raio da chuva que ao chão despencou

Sirvo um café pro tormento, quem sabe vá embora
Mas a geladeira me chama com voz de motor
Será que a paz tá escondida lá dentro do armário?
Volto a fazer meu trabalho no computador

Noite chegando e de novo o barulho dos pratos
Jogo, novela e a buzina do entregador
Os sons feito presos se espremem na cela do ouvido
Perco meu foco, então toco pra me recompor

Bate o cansaço, em frangalhos me atiro na cama
Tento colar os pedaços que a ave quebrou
De olhos fechados escuto um bater de asas
Mas é só outra noite de sono que a insônia acordou

Angelo Asson | São Paulo - SP

Passo e Digo Um Oi

Vitrine, imagem, manequim.
Olho abismado,
Não sou tão plástico,
Sou louco,
Lunático,
Errado! Muito errado.
Digito, sei digitar,
Não grito, sou reprimido,
Escuto,
Procuro concordar.
Rastejo,
É meu fim,
Repito,
Rastejo.
Mais faço é rastejar.
Não ousa cantar,
Ouso pensar
E dói.

Bruno Messias Vargas | Bagé - RS

Retina Poética

MATUTINO

Desperto como se todo dia fosse segunda-feira
Acordar cedo é um tédio
Não quero escandir,
Nem tão pouco fazer rima
Quero descansar, leitor.
Escrever de forma livre e branca
Sou assim até o meio dia.

VESPERTINO

Pela tarde vai
Passando o meu haicai
Breve igual bonsai.

NOTURNO

Ao anoitecer, estou camoniano
Sou clássico, erudito, poeta.
Formosas rimas, quase puritano
Acompanhadas do vinho, profeta
Momento inspirado, em outro plano
Minha estrofe vai ficando completa
Pois faço psicografia das estrelas
Frases perfeitas, irei escrevê-las.

Victor Terra | Rio de Janeiro - RJ



Não é tempo de morrer

Que vontade louca de sumir
O Meu destino mesmo é não ir
Não vou por medo das alturas
Não vou e mergulho nas agruras

É assim a minha simples vida
Conduzida pelos ditames da lida
Agora é tarde, mas não morri
Eu fui moído mas eu persisti

Ignorante, percebi logo meu fim
Antevi o futuro e disse a mim:
Volta! Volta! Que queres fazer?
Volta! Não é tempo de morrer.

Maroel Bispo | Feira de Santana - BA

Por meio de um email institucional
Dita uma oferta
47€
Um livro de poesia com capa de fruta tropical.
Escrita por um senhor doutor,
Português, porém, internacional,
Multinacional, transnacional –, s e n s a c i o n a l,
não fosse o valor da compra mensal do serviço social.

*seis quilogramas de arroz
três quilogramas de massa esparguete e
três quilogramas de massa macarronete
cinco kilos de farinha de trigo
dois litros de polpa de tomate
vinte cinco saquetas de chá de cidreira e chá verde
um kilo de soja granulada
um kilo de sal do mar (cristal)
dois kilos e meio de ervilha verde
um kilo e seiscentas gramas de couve coração
dois kilos de cenoura
dois ponto quatro kilos de alface frisada
quatro kilos de tomates, limões e bananas
três quilos de maçãs verdes
seis kilos de laranjas
quatro kilos de cebolas
seis cabeças de alho
um kilo de café moído
uma garrafa de vinho
e 90 pães de mistura*

Total: cinquenta euros.
- Cálculo errado. Desculpe, mas só temos 47 euros.
Exatos, certos – contados.
Sequer dá para converter em Reais ou em Meticais.
Reais são as vozes poéticas preocupadas
com as calçadas das ruas.
Aqui, a cultura erudita ocidental
é colonial
Não sabe o preço do mercado.
Nem o valor da importação, exportação
e a exploração do fruto tropical.
Sete copos de açaí, é a soma de 47 euros de poesia,
que é o valor da compra mensal.
Desculpe, mas só temos 47 euros. Certos, exatos, contados.
Será que podia extrair 18 unidades de pão?

CA Rangel | Chelas - Portugal & Saru Vidal | Badajoz - Espanha

Por Ti Eu Vivo

Para que a tristeza não te alcances,
Me esforço.
Para que o sorriso te procure,
Eu torço.
Se isso não acontece,
Eu rezo.
Para que Deus te proteja.
E abençoe.

Levando embora a tristeza,
Se vier.
E todo tipo de dor,
Que houver.
Estampando teu lindo sorriso.
No rosto ainda mais lindo.
Se eu sou a causa de não acontecer,
Me perdoe.

Rui Jovita Godinho Corrêa da Silva | Piraquara - PR

Me dê a mão

Me dê a mão
não olhe para trás
vai ser melhor quando chegarmos lá.
O brilho que brilha em mim
vem dos seus encantos
Se debruça no parapeito do horizonte
e vislumbra o caminho
no fundo do caleidoscópio dos mundos,
assim, permanentemente buscados em nosso íntimo...
Vai ser melhor quando chegarmos lá.
Pelas trilhas dos desconhecidos desenhos
que serão formados,
esboçados através da música do nosso caminhar.
Tal qual náufragos das ondas da ilusão,
esgotados das inglórias tentativas...
Me dê a mão
mas veja também a cintilância
dos infinitos grãos de areia ao sol
a luzir promessas de novas pegadas
em seu tapete macio.
Vai ser melhor, porque chegamos lá.

Marina Alexiou | São Paulo - SP

No céu de Ur

No nanosegundo em que vivo
sou eterno

Por não ter lembranças do dia em que nasci
sou eterno

Por haver nunca morrido em meus sonhos
sou eterno

Mas quando o infindo em mim terminar
vou para o céu da Mesopotâmia
brincar no esconderijo das nuvens
e brilhar como a mais recente supernova
a iluminar a cidade dos homens
por cinco bilhões de anos
na noite em que serei eterno

Joaquim Cesário de Mello | Recife - PE



As Ânforas

as ânforas ardem o seu silêncio diariamente
jamais são plenas
e ainda que sob a respiração dos anos
seu intenso abismo brilha e encara
como a espuma do mar
elas nos duplicam jamais ordenam

e é apenas na imobilidade da lembrança vítrea
quando a saudade se instala na penumbra do dia
que o tempo das ânforas exala
o futuro que lá repousa e que tudo rasura:
futuro retirado
ao centro de um tumulto secreto e baço

Bruno Oggione | Rio de Janeiro - RJ

Eixos

Hoje eu vou
me jogar no mar.
E vou nadar mil quilômetros,
ou mais,
(não tenho noção de lonjuras),
Para encontrar outro oceano
tão diferente do meu.

Hoje eu vou
mergulhar num céu estrelado
de uma noite que,
para mim,
ainda não chegou.
A terra gira rápido demais.

Hoje eu vou
descobrir o que estive
tanto tempo longe de mim.
E vou entender que
somos todos únicos.
Desde a grama verde ao coração.

Hoje eu vou
desbravar o mundo todo
com apenas um olhar.
E entender que,
por mais que todo ciclo
seja sempre novo,
nossos eixos são os mesmos

Letícia Montes | Guarulhos - SP

Poema (in)acabado

Vê,
há solidão o suficiente
nos envolvendo
e estamos um para o outro.

Todas as lágrimas
que nos trouxeram aqui
não precisam ser enxutas,
esquecidas.
Elas são um só rio agora.

Essa noite,
que inunda nossos olhos
e define as distâncias,
não é eterna
nela faço essa elegia para nós.

Você e a noite
me dão muitos motivos para sorrir,
acontece que quero chorar.

Diego Alberto de Souza Martins | Goiânia - GO

Poema de vez

arrei verso comprido
em ponta de vara

derrubei
do alto das conveniências
humanamente vicejantes
um cento de palavras de vez
moscadas
sumarentas

abarrotou três poemas
e uma anedota de avoantes

Sinval Farias | Fortaleza - CE

a ostra e a pérola

o papel em branco espera
assim como a caneta sobre ele
como o jogo de xadrez espera
a saída do peão
ou do cavalo

o sonhador
acorda
com a
onda
quebrando
em seu peito

nesse mar és uma ostra e dentro tens a pérola
eu sou o caçador de pérolas:
o poema é o grande oceano
que oculta e revela
os abismos do Ser

mergulho
em
busca
da
ostra
e
sua
pérola

Cláudio Terças | São Luís - MA

Engano estrelar

Já tomei comprimidos
Achando que eram
Estrelas do céu

Um capricho terapêutico
De imprimir a noite estrelada
Nas janelas de minha garganta

Como uma luz cintilante
Que se espremesse
Para passar pela solidão
de uma fresta inebriante

Desejava uma prescrição
Um tipo de tratamento luminar
Que fizesse do meu corpo,
Um Corpo-Celeste.

Felipe de Castro Sacramento

Colosso Facinora do Tempo

Ó, destruidor de almas
Arregace-nos com suas balas
Perfure-nos com suas garras
E espalhe-nos por suas valas.
Ó, grande pai-tempo
Com seu desejo tão sedento
Que arrasta como vento
O afago e o acalento.
Ó, destino inevitável
Use sua força indomável
Sua imensidão inalcançável
E nos abandone, indubitável.
Para você não somos nada
Apenas parte da estrada
Que por você, é asfaltada.
Mate-me, indestrutível!
Mostre-me que é incrível!
Comigo você foi terrível!
Porém na morte, será impassível!

Erich Ruy Erzinger Alves | Curitiba - PR

Egocentrismo

Uma insensibilidade no olhar
De ser um ser total frio-congelante
Onde a si próprio que fica a pensar
Fazendo papel de bem disfarçante

Vê como alguém claramente solitário
Tendo base em teus pensamentos
E usando de seu princípio autoritário
Criando os seus próprios argumentos

Visando em não dar a importância
Daqueles que vão e lhe demonstram
Retribuindo na tamanha ignorância
Mostrando que nunca lhe gratificam

E fingindo estar em plena harmonia
Após afastar com teu comportamento:
Narcisista e puros deboches na ironia
A infelicidade será o teu contentamento

Tendo o desprazer do bem estar alheio
Dor e solidão que estarão lado a lado
Insuportável és apreciar o teu devaneio
Atitudes escrotas, jamais será perdoado.

Letícia Stéphaney | Jacareí - SP

No perímetro da morte

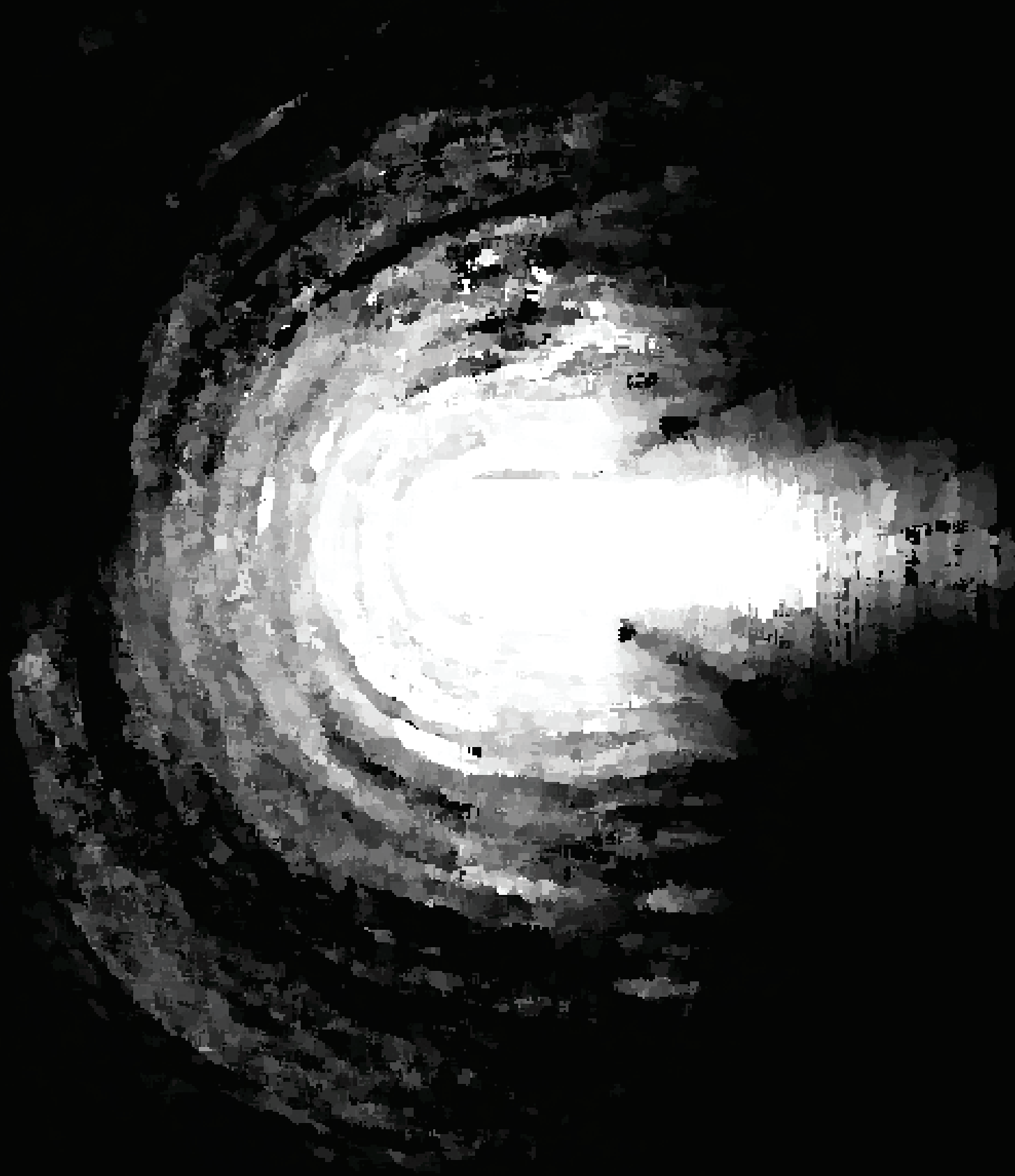
Parece-me bem que a vida
dê as suas voltas
para encaixar no perímetro da morte.

O mestre sabe que os cálculos
entre uma e outra distância
não trazem números inteiros
mas valores arredondados.

E se as sequências ditam
resultados variáveis
que a memória armazena
ou com destreza remove,
talvez os sonhos garantam
um valor acrescentado.

Deus tira a prova dos nove.

Maria Manuela Ferreira | Ponte de Lima - Portugal



Saudade do sertão

A minha voz – muda
Nula/anula os ouvidos surdos
Grita em silêncio
Saudade, receios e medos
De um pedinte louco/rouco
De tanto gritar por ajuda

A garganta inflamada
Inflama a chama/clama por piedade
Como antes, lá no sertão, eu rogava por chuva
Agora, da seca, tenho saudade
O som frequente do não
Seca a esperança e a saliva
Sou a frase sem semântica
O sotaque a ser evitado
Até ouvem o que eu digo
Mas não entendem o que falo
Minha voz rouca ultrapassa os vidros
Mas não os corações blindados!

Alexandre Saro | Jundiaí - SP

Silêncio Universal

fé que me é
alto falante cósmico
[não ressoa}

auto-falante
deles.

Diogo Amorim Valente Cardoso | Rio de Janeiro - RJ

homem sem sapatos

um homem sem sapatos me diz
como é difícil a vida.
um homem sem sapatos
e com o dobro da minha idade.
eu reparo que a vida é difícil
pelos seus ombros carcomidos,
pelos arranhões que se silenciam,
pela vontade que ele tem de dizer.
a vida para nós nunca vai ser fácil
porque ela precisa que a encaminhemos.
e como é cansativo guiar o barco...
um homem sem sapatos refere-se à vida
como pólvora, que é subitamente olvidável
depois dos cinco minutos de fama.
um homem sem sapatos
e com mais fome que eu.
eu não sinto que vivi muito,
mas já me arrependo de ter topado o protagonismo.
covardemente, sinto que é melhor observar.
o peso do herói e do vilão
retoma a inconstância da existência.
o peso do herói, do vilão e do escritor.
é cansativo guiar o barco
sobretudo quando a madeira, apodrecida,
denuncia o fundo de morte.
é cansativo guiar o barco com sede.
é cansativo acender a pólvora com fome.
um homem sem sapatos refere-se a mim como anjo.
um homem sem sapatos
e com asas maiores que as minhas.

Douglas Blinda | Vitória - ES

Atalho

O caminho é comprido e tortuoso.
Ladeiras íngremes, alguns pedregulhos.
Alguns espinhos. É triste espinhos sem rosa.
Pelo menos para mim não veio
nem fedida nem cheirosa.
De repente, um precipício perigoso.

Sussurro no ouvido de Adão para saber
se a Eva era mignon ou costela.
Olhou-me perplexo
como a me perguntar:
por que pergunta algo tão sem nexo?
Porque sou uma mulher de bem querer.

Minha procedência tem que ter avalia.
Não quero ser uma qualquer.
Mesmo que o barro seja nobre.
Quero certificado do que valho
Prefiro o mignon do que uma costela pobre.
De qualquer forma vou viver com galhardia.

Apesar dos inúmeros tropeços e percalços
continuei minha jornada.
Conheci lugares fantásticos e uns singulares.
Virei leoa, orei como poeta, massacrei titãs.
O que importa o amanhã? Voo anjo em altares,
e ando sobre brasas com os pés descalços.

De tudo o que aprendi com meus atos falhos
e entendi que ninguém é tudo, ninguém é nada.
Somos uma obra mal pintada e confusa
de um Deus indefinido cujo olho nos perscruta
e será que nos escuta? Acato minhas culpas.
Agora ando ávida procurando um atalho.

Edih Longo | São Paulo - SP

Sobre a ternura

falo de amor apenas
com os olhos saídos de areias imaginadas céu de durar poucas violetas
e saúvas no sol da terra debaixo da noite saudável
sempre repousa uma estrela órfã
como quando se decide habitar na solidão para viver morar futuros humanos
morrer sob os passos de alguma fera

eu entendo o amor
como um pássaro que sobrevoa
um país extinto
e não consegue nos ver

Leonardo Bachiega | Carapicuíba - SP

Eu

Meu sangue
Tem gosto de ferro,
Meu suor
Tem gosto de sal,
Minhas lágrimas
Têm gosto de soro,
E trago na saliva
Uma sina: tragar
O bem e o mal.

É o que me faz sentir vivo,
Sentir a delícia e o delírio
De ser quem eu sou.

De ser tanto,
De ser tão,
Tanto deserto,
Quanto sertão.

Poeira de estrela,
Desejo e solidão,
Um metro e setenta de sonhos
Setenta quilos de imaginação.

Simião Mendes Júnior | Goiânia - GO

Sinestesia orbital

Palmilha os verbos celestes
caça o letramento da noite

foram cem mil anos de
solidão-luz

Agora, são dois pássaros a Voar
e carregam o mundo do sono

galáxias ouvintes no Eterno
instante do esquecimento

Agora, jaz nas mãos
o diâmetro do tempo gasto

São dois pássaros a Voar
habitando o silente espaço.

Luciana Quintão de Moraes | Andaraí - RJ

Nos ares da Doçura

Os versos do poema
Formam doces estrofes
E devaneios em profusão.
São letras felizes de amor.
Chilreiam nos arvoredos
Pequenos poetas alados.
Dançam as nuvens no céu.
Já era mais doce a poesia
Servida na mesa da vida.
Agora é mais dura a lida
Para nascer um poema feliz.

Voam os poetas à lua,
Nas noites de alguma seresta,
Quando sobrevive a festa.

Roque Aloísio Weschenfelder | Santa Rosa - RS

Rebeldia da cítara

Eu canto as coisas fugidias
que só meus olhos veem.

Não são socialites nem politiquices.

São formas de amar o mundo
porque tenho a rebeldia
de uma cítara vadia
dentro de mim.

Eu canto o mar revolto
pântanos e enxurradas
sangue suor e lágrimas.

Eu canto um cigarro apagado
num poema rasgado
feito de elegias e sombras
durante a madrugada
mas também canto
a melodia do rouxinol
e o brilho das estrelas
quando me beijas
com teu olhar.

Eu canto o voo das gaivotas
no alto mar
e a vida indizível dos poetas
filhos do vento.

Luísa Lima | Santa Maria da Feira - Portugal



As cinzas do menino pescador

O pai quis ser pó
mas nunca quis ser só
fez prata no vento
fez chuva por dentro

caiu na água do rio ...
e sumiu
na barriga do peixe

virou menino de novo
na memória da sua gente

Adriana Teixeira | São Paulo - SP

Reconhecimento

Reconheço-me na inconstância das sombras
suspiros débeis na ventania
dor lancinante que não mais soluça
as cinzas desta linguagem fria.

Reconheço-me no hálito azul
útero grávido no brilho dos dias
regalo rompendo estrelas
revelando cintilantes alegrias.

Reconheço-me nas melodias em tom menor
raízes em olhares latentes
acordes florescidos de esperas
na solidão dos amores, presentes.

Reconheço-me nas palavras indomáveis
que na primavera evocam flores
nos horizontes singrados de ocasos
corpo de luz aberto em cores.

Reconheço-me na nudez das entrelinhas
onde verseja a inocência
na branda e despudorada verdade
que na linha desconhece analogia.

Reconheço-me no eco calcinado
no sossego de um grito perdido
sou desejo em voo alçado
pela força da pedra, vencido.

Denise Reis | Santa Maria - RS

Poema mineiro

De volta ao trem
E à chuva.
E quando digo trem quero dizer outra coisa
E quando falo em chuva
Penso em outra letra
e quando digo de volta
Penso em trens.
A gente sempre quer dizer outra coisa
A não ser quando diz.
Você sabe...
Ou não.
Talvez sinta a chuva
E saiba o trem
Quando diz da volta.

Leonardo de Oliveira | Porto Alegre - RS

Roupa nova

O vento bateu tão forte
No cabelo disciplinado da moça
Que ela aproveitou
Para vestir-se de ar.

Viu-se, daí, feito a Medusa.

Ela,
Que agora era toda a força
Tanta,
Capaz de ter criado corais
Naquele longínquo e vermelho mar
Havia se transformado em seu próprio
Escudo.

Kryssia Ettel Mendonça de Souza | Rio de Janeiro - RJ

Evadiu-se a poesia

Sem tumulto, sem notícias
evadiu-se a poesia!
Quiçá no expresso derradeiro,
o trago impaciente na plataforma,
esconjuro de lágrimas e melodramas.

Ou então arribada em alguma boléia.
Highway! Sincopando a direção.

Sequer bilhete na despedida,
sequer agressões e impropérios,
sequer perturbando a vizinhança:
evadiu-se!

Se anda temperando
noturnos de Chopin e Debussy
em concertos loucos e mambembes;
se depõe o decoro do busto em bailes profanos;
se é musa de algum artista embriagado
ou deusa de novas mitologias,
ignoro.
Sei é que fugiu,
só isso.

Castrando a madrugada,
só isso.
Cantos partidos,
verbos minguados,
só isso.
A poesia evadiu-se,
só isso.

Gabriel Viviani de Sousa

Gosto de Fel

Derramadas no papel
As dores de tuas palavras
Refletem o rio de lágrimas
Dos peçadinhos represados
Entre as quatro paredes
Do ponto final
De nosso amar morto
Que não conheceu a verdade.
Nem nunca deságua em lugar nenhum.

Marcos Antônio Campos | Natal - RN

Das quimeras à queda

Perdido teu perfume de palavras
Mais que doa esquecer, não voltarás
Face ao fato, na ardência me resvalo
Ousados fomos como a rosa e o cravo

Maldito seja todo monstro aquele
A quem devo este fundo da ferida
Por me levar a acreditar na lei
De tão terna tecer-se u'a fantasia

Diante de ti, já ao frescor da queda,
Sangue esguichará chuva de cachoeiras
Um céu unicolor, viva e assim verá

Ao menos digo: havemos sentido
O sentido da vida sendo inteira
Desde o alçar, no voar, até o declínio.

04/11/2021 — Madrid, ES

André Vaz de Campos Tourinho | Salvador - BA

Foto Sensível

das figuras que conheci do amor
a revelação foi a mais patética
destruir como forma de guardar
o tempo o momento o avassalador

o mérito da decomposição
em favor do eterno
[esse inferno moderno
disposto em flores mortas
ouro e prata

dos poemas e escavações do século XVII
a romantização me levou ao delírio
inevitável da paixão pela imagem

estática estátua dos momentos
vivia a fotografar ele
que tanto gostava de
Warhol
que dizia:
uma fotografia não muda
mesmo quando as pessoas mudam
o toque na máquina tem o único
momento de poder
12 fotos
6 por meia dúzia
a história se repetindo 24 quadros por segundo

um ano e meio se embolando
enrolando
e todos os rolos queimaram
achei o universo um grande
criador de metáforas
encaro assim:
me encontrava
no irrevelado.

Vitória Vozniak | Porto Alegre - RS

Elucubrações

e foi como se não fosse
como se não tivesse sido
um acontecimento
não acontecido
uma perspectiva
abstrata, inata
um amor
em desamor
como sempre
absoluto
esvaziado
como tudo
dissabor
se for

pois é
então
é isso
ou não

abstrato sabor do amanhã
contido temor alucinado
branco odor inesperado
sutil desdor do afundar

um punhal
certo
um suspiro
derradeiro

um timoneiro louco
conduz o barco da vida
sob o céu de nuvens claroescuras
singrando mares incertos, redescobertos

José M. da Silva | Rio de Janeiro - RJ

Muito além de mim

Muito além de mim
o horizonte
o sol se pondo.
Um manacá,
um amor-secreto.
Um jasmim.
O fim.

Reinaldo Fernandes | Brumadinho - MG

Desespero da pequena

que olhos
que curiosos olhos
pequenos, femininos
rabeados para mim
que emoção
inundado,
desfiz-me em amparo
amor, calor... dor.

horror, que horário
na trilha de uma pequena dama
de chinelo de trama
um arrastar do pedir
respondo com silêncio
a seu escandaloso
suplicar.

dou-lhe aquilo
que tenho...
uma prata...
que rola e um nó
que aperta a gola.

sinto muito, meu amor,
flor pequena.
que olhos rabeados e curiosos,
que desmantelo em seus
poucos anos no desespero

Robinson Silva | São Paulo - SP

Ainda ouço o uivar do vento

Daqui do meu quarto, agora,
Eu já ouço o uivar do vento,
Parece que vem tempestade,
Até imagino como está lá fora,
São as vozes do meu lamento,
Algozes da minha saudade.

Pois os algozes da minha saudade
São estas vozes do meu lamento,
Quando, então, rompe a aurora.
Também já se foi a tempestade,
Mas ainda ouço o uivar do vento,
Daqui do meu quarto, agora.

Meu coração bateu, como janela
Quando bate em temporal,
E a minha alma assim sofreu.
Como escravo ferido por sovela,
Sangrei nas asas do vendaval
E até o meu riso se perdeu!

E ao clarão de uma trovoadas,
A simples sombra já assusta
Nesta noite em escuridão.
Mas esse susto não é nada,
Ela deixou minh'alma adusta,
Pois feriu meu coração!

Quando veio esta procela,
Eu vaguei na noite escura
E não encontrei ninguém!
Me entreguei à esta donzela,
E para minha desventura
Até eu me perdi, também.

Adelgício Ribeiro de Paula | Franco da Rocha - SP

A Vera Condenação ao Fim do Éden

*(em memória de Borges, poeta
e de John Steinbeck)*

para meus sobrinhos, Linus e Rita

Homem,
Terás a terrível sina de nascer amado por todos
e todos te quererão feliz,
cada um a seu modo
sempre contraditório com o dos outros.

Te frustrarás eternamente
a cada uma das infinitas tentativas de satisfazer a todos
sem agradar, nunca, a ninguém.

Serás amado sem que saibas que és.

Quase-sempre que te descobrirem amado,
perderás o amor.

És condenado a ver passar todos os definitivos amores
e morrerem todos os amigos.

Só será eterna a ausência de eternidade.

Terás terríveis momentos
em que serás a pessoa em que menos confias
e com quem menos contas;

Principalmente, desejarás que estes sofrimentos não cessem jamais:
clamarás pela tortura
(ausência da qual chamas de “morte”).

Ao fim, nada lhe será dado
salvo o peso de teus ossos
e acreditarás, por isso, que és feliz.

Lucas Jerzy Portela | Salvador - BA



Escritores desta edição

Marlos Degani

Fernando de Azevedo Alves Brito

📷 @azevedo_brito

Renato Massari

Itamara Almeida

✉ itamaralogos@hotmail.com

Rafael Viana da Mata

✉ rafaeldamata012@yahoo.com.br

Aline Bischoff

📘 facebook.com/AlineBischoffArtes

📷 @aline.bischoff

📺 youtube.com/c/AlineBischoff

Ingrid Isabele

✉ ingrahipolito@hotmail.com

📷 instagram: @ingriid_ha

Diógenes Henrique Carvalho Veras da Silva

✉ diogenesveras@hotmail.com

Marco Chies

✉ marcochies@bol.com.br

Felipe L. Cavalcante

🐦 twitter @Inutil_Idade

Alberto Arecchi

Rogério Luz

Selma Nanci Feltrin




Escritores desta edição

Angelo Asson

 @angeloasson

Bruno Messias Vargas

 dolleedream@gmail.com

Victor Terra

 prof.victorterra@gmail.com

 @professorvictorterra

Maroel Bispo

 psimaroelbispo@gmail.com

Ca Rangel

Saru Vidal

Rui Jovita Godinho Corrêa da Silva

 rjovita.gcs@gmail.com


Marina Alexiou

 [linkedin.com/in/marinaalexiou](https://www.linkedin.com/in/marinaalexiou)

Joaquim Cesário de Mello

 jcesariomelo@bol.com.br

Bruno Oggione

 303oggione303@gmail.com

Letícia Montes

 leticiadosmontesmelo@yahoo.com

 @leticiawithstars



Escritores desta edição

Diego Alberto de Souza Martins

✉ professordiegoalberto@gmail.com

Sinval Farias

📷 [@profsinvalfarias](https://www.instagram.com/profsinvalfarias)

✉ professorsinvalfarias@gmail.com

Cláudio Terças

✉ ctercas@gmail.com

Felipe de Castro Sacramento

✉ felipethecastro@gmail.com

📷 [@felipethecastros](https://www.instagram.com/felipethecastros)

Erich Ruy Erzinger Alves

✉ abacaxicuritibano@gmail.com

📷 [@_crocantissimo_](https://www.instagram.com/_crocantissimo_)

Letícia Stéphaney

✉ lehstephany@gmail.com

Maria Manuela Ferreira

✉ neferreira68@gmail.com

Alexandre Saro

✉ alexrosa84@gmail.com

Diogo Amorim Valente Cardoso

📷 [@dji.ogo](https://www.instagram.com/dji.ogo)

Douglas Binda

📷 [@douglasbinda](https://www.instagram.com/douglasbinda)

Edileuza Bezerra De Lima Longo

✉ edih.longo@gmail.com



Escritores desta edição

Leonardo Bachiega

- 📷 @lbachega
- ✉ leonardo.bachiega@gmail.com

Simião Mendes Júnior

- ✉ simiao.junior.ufg@gmail.com

Luciana Quintão de Moraes

- ✉ lulukaqm@yahoo.com.br

Roque Aloisio Weschenfelder

- ✉ roquealoisio@yahoo.com.br

Luísa Lima

- ✉ lmfpdel@gmail.com

Adriana Teixeira

- 📷 @identidade_anonima

Denise Reis

- ✉ isasilre@yahoo.com.br

Leonardo de Oliveira

Kryssia Ettl Mendonça de Souza

- ✉ kryssiaettel@gmail.com

Gabriel Viviani de Sousa

- ✉ gabrielvivianisite@gmail.com

Marcos Antonio Campos

- ✉ cocotasan1951@gmail.com

André Vaz de Campos Tourinho

- ✉ andrevaztourinho@gmail.com



Contagem Literária

Escritores desta edição

Vitória Vozniak

www.vitoriavozniak.com

José M. da Silva

✉ josemsilvaprof@gmail.com

Reinaldo Fernandes

📌 facebook.com/reinaldo.13.fernandes

Robinson Silva

✉ r.pereirasp@gmail.com

Adelgício Ribeiro de Paula

✉ adelgicio.ribeiro@gmail.com

Lucas Jerzy Portela

📷 [@lucasjerzy](https://www.instagram.com/lucasjerzy)